



Seminário

Educação e Formação Humana: desafios do tempo presente

ANAIS ELETRÔNICOS

25 a 27 de abril
UEMG/CEFET-MG
Belo Horizonte (MG)

20
17

DOCENTES NEGROS(AS) NO ENSINO SUPERIOR: IDENTIDADES E TRAJETÓRIAS¹

Márcia Basília de Araujo
Shirley Aparecida Miranda²

- Resumo

Trata-se de apresentação de estudo sobre pesquisas acadêmicas que trazem como temáticas a presença de docentes negros(as) no ensino superior brasileiro. Esse trabalho faz parte de uma pesquisa de doutorado, em andamento, que tem como objetivos investigar docentes negros(as) no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas(IFMG) e a produção e socialização do conhecimento. Há mais de uma década que a presença de docentes negros(as) no ensino superior brasileiro tem se tornado tema de pesquisas e investigações acadêmicas. Por meio da plataforma de banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) foi possível identificar 14 (quatorze) trabalhos, entre dissertações e teses, que tratavam do assunto, uma produção que se iniciou no ano de 1998 e se mostrou pequena, porém constante até o ano de 2015. Nas pesquisas analisadas buscou-se destacar o recorte do objeto, os objetivos específicos, os resultados alcançados e as contribuições para esta pesquisa que está em andamento. Reis (2008), Silva (2008), Holanda (2009), Lopes (2010), Santos (2010), Roesch (2014) e Silva Junior (2011) dedicaram-se a investigar como docentes negros(as) constituem sua identidade em um país marcado pela ideia da democracia racial e, especialmente, em instituições que historicamente têm sido marcadas pela ausência de negro(a)s em seu corpo docente. Outro ponto importante foi o interesse de algumas pesquisadoras por histórias de mulheres atuando no ensino superior. Foram três pesquisas que tiveram a intenção de investigar especificamente a trajetória de mulheres negras e professoras do ensino superior. Além desses trabalhos, realizados por Chaves (2006), Reis (2008), Quadros (2015), Silva (2015) apresentou como interesse inicial de pesquisa trabalhar apenas com mulheres negras, porém ao anunciar sua intenção e iniciar as buscas por docentes negras na USP, percebeu que poderia estar diante de um universo tão pequeno que tornaria a sua pesquisa inviável. Assim, nas reformulações do projeto, acabou incluindo também os professores negros. Outro ponto importante a se destacar nos trabalhos analisados se refere à questão do racismo institucional presente nas universidades. Para Santos (2010) o racismo institucional se manifesta nas universidades por meio de várias práticas, algumas diretas e outras dissimuladas e sutis. Quadros (2015) procura fazer uma breve contextualização do que seja o racismo institucional e se apoia em Coelho (2003) e Munanga (2006) para essa conceituação. “Coelho (2003) destaca que o racismo institucional, sempre esteve presente nas universidades, porém, as vezes é manifestado de maneira velada nas suas intencionalidades e em atitudes concretas de quem o pratica. (QUADROS, 2015, p. 20)” Como resultados, esses trabalhos apontam que: nem sempre os professores negros têm a mesma representação

1 Esse trabalho faz parte de uma pesquisa de doutorado que está sendo realizada na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

2 Professora Doutora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Educação de Minas Gerais. E-mail: mirandashirley48@gmail.com

sobre a questão racial; em alguns momentos os(as) docentes negros(as) sentiam-se deslocados no espaço de convivência com seus pares; a ascensão social não detém o racismo; as desigualdades raciais e de gênero, muitas vezes, se sobrepõem à condição de classe; as mulheres negras costumam sofrer discriminação tríplice, ou seja: de raça, gênero e classe; a universidade pública está longe de ser um espaço democrático, em termos de oportunizar a igualdade de acesso para brancos e negros e que apesar das várias manifestações de racismo institucional presentes nas universidades e da existência de algumas iniciativas institucionais que podem contribuir para o seu enfrentamento, como a formação dos NEABs (Núcleos de Estudos Afro-brasileiros), a maioria das estratégias de enfrentamento continuam sendo individuais e desenvolvidas pelos próprios sujeitos afetados. Quanto as contribuições para a pesquisa que está em andamento, embora nenhuma das investigações em questão trate especificamente de docentes de Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, as abordagens apresentadas, e o tratamento dado a questões como a construção de identidade e ao racismo institucional serão de grande relevância para a compreensão da presença de docentes negros(as) no IFMG e a sua participação na produção e socialização do conhecimento.

Palavras-chave: docentes negros; ensino superior; conhecimento.

- Introdução

Este trabalho é parte de uma pesquisa que tem como proposta investigar a presença de docentes negros(as) no Instituto Federal de Minas Gerais(IFMG) e em que medida essa presença tem contribuído para provocar deslocamentos acerca do conhecimento científico e tecnológico, ressaltando que tanto a produção quanto a validação da ciência e do conhecimento, ao longo da história do Brasil, tem sido marcadas por uma visão eurocêntrica do pensamento. Uma das consequências dessa visão é a exclusão de grandes parcelas da população por questões sociais, étnicas, de gênero, dentre outros marcadores sociais.

Ao longo da história da educação no Brasil, houve uma significativa expansão do número de universidades, sem que, no entanto, sua configuração racial fosse modificada substancialmente. As universidades, quando poderiam contribuir para a inclusão de negras (os) em seus quadros seja de discentes ou docentes não o fizeram, assim como não têm feito ao longo da história. Desde a sua constituição, momento no qual teria sido possível gerar debates públicos sobre a função social dessas instituições, seu papel ficou restrito à formação de uma elite política e econômica. “A USP, para mim, seria o exemplo típico dessa universidade que se orgulha de ser completamente branca, completamente eurocêntrica até hoje e completamente reacionária à discussão das cotas raciais. Isso não é uma crítica às pessoas, mas à maneira como a instituição se constituiu e se definiu como uma pessoa abstrata na qual as pessoas concretas se espelham”. (CARVALHO, 2005, p. 4)

Por meio dessas proposições é possível concluir que a universidade pública, no Brasil, nasce com um plano político específico, o de contribuir para uma nação republicana, baseada no modelo europeu. Dessa forma, as primeiras universidades foram voltadas para a formação de quadros que receberiam os postos de comando do Estado. Um quadro formado pelos filhos das elites locais e, posteriormente, pelos filhos dos imigrantes, excluindo desse universo a população mais pobre e, majoritariamente as

pessoas negras. Nesse momento, de construção das primeiras universidades, caso se tivesse como plano a constituição da diversidade étnica, racial e social, possivelmente o cenário no ensino superior atualmente seria outro, conforme Carvalho (2005). “E naquele momento inicial teria sido possível integrar negros e índios com muito mais facilidade e com eles teríamos formado os que depois se transformaram em professores das outras universidades. Mas isso não ocorreu”. (CARVALHO, 2005, p. 4)

Esse histórico da constituição da universidade no Brasil levou a formação de um quadro que Carvalho (2006) denomina de confinamento racial. De acordo esse pesquisador o pequeno número de docentes negros e negros nas universidades brasileiras ocasiona o esvaziamento do debate referente às questões raciais e contribui para a perpetuação da desigualdade racial nesse espaço.

Para Carvalho (2006), se tomarmos um único docente, aleatoriamente, em uma grande universidade brasileira, é possível que encontremos um homem branco, que trabalha com a maioria de colegas brancos e, provavelmente, nunca tenha convivido de perto com outro colega de profissão negro ou negra, que participa de um colegiado e de outras instâncias de poder e decisão dentro da instituição que, na maioria das vezes, só foi composta por pessoas brancas também. Esse docente, que teve poucos alunos(as) negros(as) na graduação e menos ainda na pós-graduação, passará toda a sua trajetória acadêmica sem se questionar sobre a ausência de negro(a)s nesse espaço. Por outro lado esse confinamento afeta, de forma ainda mais grave, docentes negros(as).

Por exemplo, uma colega negra da UnB trabalha há décadas em um instituto com mais de 100 professores no qual ela é a única negra. A questão racial deveria entrar nos seus temas de trabalho, porém sofre a inibição constante da convivência com os colegas, que se mostram incomodados quando a questão racial aparece explicitamente em alguma discussão sobre os temas de pesquisa de interesse do instituto. (CARVALHO, 2006, p. 92)

As universidades brasileiras, enquanto espaços de confinamento racial, apresentam sintomas que se manifestam de formas bem sofisticadas, como a inibição dos discursos a respeito do conflito racial, até manifestações mais explícitas como a “dos estereótipos sobre a exclusão negra do espaço acadêmico”. (CARVALHO, 2006, p. 93).

Esse confinamento é sempre problemático, pois os modelos de relações raciais são formulados por pesquisadores brancos e tomados para explicar e representar a sociedade brasileira como um todo. Para Carvalho (2006), o meio acadêmico, para superar o confinamento racial em que se encontra precisará, em primeiro lugar abrir mão da crença da neutralidade racial e se enxergar como um ambiente racializado, que de certo modo contribuiu para a produção e a reprodução do quadro de desigualdade étnica e racial, o qual pouco tem melhorado apesar dos investimentos no ensino superior ao longo dos últimos anos.

As relações e interações estabelecidas nas instituições escolares, embora muitas vezes mediadas pelos currículos e conteúdos específicos das diversas áreas do conhecimento, possibilitam que os sujeitos construam e questionem identidades. Nesse sentido a presença de docentes e pesquisadoras negras e negros pode contribuir para a construção de novos modelos de representações sociais. É com base nessa formulação que esse trabalho se desenvolve, ou seja, buscando identificar nas pesquisas apresentadas a

presença de docentes negras e negros em espaços de produção e socialização do conhecimento como as universidades.

- Desenvolvimento

Há mais de uma década que a presença de docentes negros(as) no ensino superior brasileiro tem se tornado tema de pesquisas e investigações acadêmicas. Por meio da plataforma de banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) foi possível identificar 14 (quatorze) trabalhos, entre dissertações e teses, que tratavam do assunto. Na tabela 1 serão mostrados os anos em que os trabalhos foram realizados e, dessa forma será possível que a produção embora não muito grande, foi constante, apresentando pequenos picos de concentração em determinados anos.

Ano de apresentação	Número de trabalho apresentados
1998	01
2001	01
2006	01
2008	03
2009	01
2010	03
2011	01
2014	01
2015	02

TABELA 1. Trabalhos acadêmicos por ano de apresentação . **Fonte:** Pesquisa em meios eletrônicos

Essa tabela aponta para o surgimento dos estudos sobre a presença de docentes negros(as) no final da década de 1990 e no início dos anos 2000, especificamente, nos anos de 1998 e de 2001. A partir do ano de 2008 a produção se torna constante tendo uma incidência maior no ano de 2010. Para análise das pesquisas levantadas buscou-se destacar o recorte do objeto, os objetivos específicos, os resultados alcançados e as contribuições para esta pesquisa que está em andamento.

- O recorte do objeto e os objetivos específicos

Reis (2008), Silva (2008), Holanda (2009), Lopes (2010), Santos (2010), Roesch (2014) e Silva Junior (2011) dedicaram-se a investigar como docentes negros(as) constituem sua identidade em um país marcado pela ideia da democracia racial e, especialmente, em instituições que historicamente têm sido marcadas pela ausência de negro(a)s em seu corpo docente.

Outro ponto importante foi o interesse de algumas pesquisadoras por histórias de mulheres atuando no ensino superior. Foram três pesquisas que tiveram a intenção de investigar especificamente a trajetória de mulheres negras e professoras do ensino superior. Além desses trabalhos, realizados por Chaves

(2006), Reis (2008) e Quadros (2015), Silva (2015) apresentou como interesse inicial de pesquisa trabalhar apenas com mulheres negras, porém ao anunciar sua intenção e iniciar as buscas por docentes negras na USP, percebeu que poderia estar diante de um universo tão pequeno que tornaria a sua pesquisa inviável. Assim, nas reformulações do projeto, acabou incluindo também os professores negros.

Esse conjunto de pesquisadoras e pesquisadores se debruçou sobre questões importantes a respeito da constituição da identidade de docentes negras e negros por meio do estudo das trajetórias de vida. Reis (2008), em sua tese de doutorado se propunha a investigar a presença de mulheres negras que atuavam como docentes no ensino superior, procurando desvelar a construção das identidades, por meio da história de vida dessas professoras. Ela utiliza o termo identidades porque acredita que não existe uma identidade única ou fixa e propõe o estudo dessas identidades a partir dos marcadores de gênero, raça e classe. Dessa forma a pesquisadora procura compreender como as professoras investigadas constroem as identidades raciais e em que medida são influenciadas e influenciam a educação recebida no espaço escolar e extraescolar.

Foram entrevistadas cinco professoras todas das ciências humanas, embora tenha tentado localizar professoras de outras áreas do conhecimento, especialmente das ciências exatas e engenharias. “A tentativa foi feita, mas não foi possível realizar tal propósito, pois praticamente todas as professoras negras localizadas (e que aceitaram participar da pesquisa) são da área de ciências humanas” (REIS, 2008, p.31).

Assim como Reis (2008), Holanda (2009), Silva (2008) e Silva Júnior (2011) também buscaram compreender a constituição e a compreensão de identidade racial por docentes negras e negros, sendo que Holanda trabalhou com sujeitos de três grandes áreas do conhecimento: humanidades, saúde e engenharias e Silva trabalhou apenas com docentes das engenharias. Em comum as duas pesquisadoras realizaram entrevistas para verificar como as docentes e os docentes negras e negros constroem e manipulam suas identidades nos diferentes contextos em que estão inseridos.

Silva (2008), ao buscar descobrir como docentes negros da área de engenharia constroem e manipulam sua identidade étnica racial, se deparou com um número bem pequeno de docentes nessa área. De acordo com a pesquisadora as falas apontaram que parece haver mais docentes negros e negras nas áreas de ciências humanas, mas que, ainda assim essa presença é bem pequena.

Foi unanime a afirmação de que sim, havia uma representatividade “maior” de negros na área de humanidades. Todavia, um dos professores (F.A.) chamou-me a atenção para o fato de que a presença de negros na universidade é tão insignificante que não podemos pensar em termos de “mais”, de “maior” representatividade já que praticamente não há representatividade desse grupo na universidade, seja qual for a área. (SILVA, p.151, 2008)

Em relação a presença “maior” de docentes negros nas humanidades, é importante ressaltar que esse fato não acontece aleatoriamente ou por acaso ou, ainda, porque os negros escolhem as ciências humanas por vocação. Essa escolha é racializada, pois se dá diante das condições possíveis, como o fato de muitas vezes poderem conciliar trabalho e estudo. Esse fato pode estar relacionado à questões que já foram apontadas durante a realização da minha pesquisa de mestrado que mostram a baixa representatividade numérica de negros e sujeitos oriundos do meios populares em cursos e carreiras

consideradas de maior prestígio social (Araújo, 2015).

Em relação a construção da identidade étnico-racial, a pesquisadora notou, a partir das suas investigações que a cor da pele, é ainda, um elemento fundamental. No entanto, já se pode dizer, que existem outros elementos que contribuem para a construção identitária, como o pertencimento de origem e o posicionamento político.

Holanda (2009) busca compreender a constituição de identidade étnico-racial de docentes que atuam na Universidade Federal do Ceará, um estado, que de acordo com a pesquisadora, considera a não existência de negros. Nesse contexto a pesquisadora conclui que “há diferenças entre os diferentes”, ou seja mesmo dentro do grupo entrevistado, existem diferentes percepções acerca da própria identidade, muito em função das próprias trajetórias de vida dos docentes. Apesar das diferenças, todos têm em comum o fato de serem reconhecidos e se reconhecerem como negros, embora nem todos encarem a questão racial da mesma forma.

Além da questão da identidade é importante ressaltar a preocupação da pesquisadora e de um docente entrevistado com o fato de a universidade ainda não se dar conta da diversidade étnica e epistemológica presente na sociedade. Um dos docentes entrevistados aponta que a universidade é conivente com a ideia de não existência de negros na sociedade e demonstra pouco interesse por um conhecimento diferente do eurocêntrico, o que prejudica e dificulta o ensino e a pesquisa com pensamento de base afro- descendente.

Assim como Holanda(2009), Reis(2008) e Silva(2008), Silva Júnior(2009) direcionou sua pesquisa para a constituição da identidade étnico-racial de professoras e professores negros(os) no ensino superior público e partiu da perspectiva de que refletir sobre a identidade é importante para a compreensão da própria existência, como indivíduo e como pessoa inserida na sociedade. Acreditando ainda, que as identidades são fluídas, instáveis e múltiplas, assim não existe uma identidade pronta e acabada. Como Holanda identificou que existem “diferenças entre os diferentes”, Silva Júnior(2011) notou que os professores entrevistados embora se auto declarem negros, não possuem o mesmo posicionamento diante das questões que envolvem o negro.

Na pesquisa, percebemos que os/as professores/as entrevistados/as não possuem representações semelhantes diante das questões que envolvem o negro na universidade e na sociedade, pois, a metade deles/as não reconhece a necessidade de cotas para negros na universidade, por exemplo, defendendo somente a cota social. (SILVA JÚNIOR, 2011, p. 102)

Outro ponto que se destaca nas pesquisas que referenciaram esse trabalho foi o interesse por histórias e trajetórias de mulheres professoras no ensino superior. Foram quatro trabalhos que tiveram interesse inicial de direcionar o trabalho apenas com mulheres. Todavia, um deles, Silva(2015), como já apontado anteriormente, ao buscar estudar trajetórias e produções de professoras na USP, foi desencorajada pelo próprio campo, que apontava para a impossibilidade de concretização da pesquisa por causa do pequeno número de mulheres como professoras naquela instituição. “A surpresa diante da insólita questão “você conhece alguma docente negra na USP?” me revelou que estava distante de um universo tão pequeno que poderia tornar a pesquisa praticamente inviável. (SILVA, 2015, p. 14)

A pesquisa de Chaves(2006) teve como propósito investigar a presença de racismo na trajetória de professoras universitárias. Procurando descrever e analisar as trajetórias escolares e profissionais de

professoras universitárias, identificando como o racismo fez parte dos seus ciclos de vida e participou na elaboração de sentidos e de outros aspectos de suas subjetividades.

Para tanto, ela entrevistou uma docente preta, uma parda e uma branca. A partir das entrevistas realizadas foi possível que percebesse que o racismo se manifestou de formas diferentes nas trajetórias. Sendo que no percurso da professora negra o racismo esteve presente de forma explícita em vários momentos de sua trajetória, desde a infância quando foi “dispensada “pela professora de participar de uma dancinha por fazer parte do grupo das crianças mais “feias”, até ocorrências na vida adulta, quando foi direcionada a um elevador de serviços, ao visitar uma amiga. Na trajetória da professora parda o racismo se manifestou de formas mais sutis e menos explícitas, enquanto a professora branca, não sofreu o racismo. “Dados evidenciam que o racismo explícito foi dirigido à participante/informante de cor preta, mas apenas o racismo moderno, expresso de modo sutil, foi empregado nas discriminações raciais dirigidas à participante/informante de cor parda. (CHAVES, 2006, p.344)”

A professora branca não sofreu racismo, mesmo sendo filha de pai pardo, o que demonstra que no Brasil, conforme já apontava Nogueira(1999) o preconceito é de marca e não origem, ou seja, está ligado à cor da pele e as marcas que caracterizam uma pessoa como negra e não ligada à ascendência da pessoa.

Para Chaves(2015) a garantia constitucional de igualdade de direitos contribui para que se alimente no país a ideia de que no Brasil não existe racismo. Todavia, essa garantia legal não elimina o racismo das práticas cotidianas, pois ele se manifesta e se consolida por meio da negação do negro na cultura, na economia e em outros espaços socialmente valorizados, além de se manifestar no dia a dia por meio de piadas, atitudes, olhares e ofensas verbais. A existência desse racismo foi percebida e explicitada, como já apontado anteriormente, por meio do estudo das trajetórias das professoras preta e parda.

Quadros(2015) se dedicou a estudar a trajetória de professoras negras na Universidade Federal de Santa Maria, com o objetivo de “compreender de que modo as experiências vivenciadas por essas docentes influenciam suas práticas e posturas frente aos alunos e se estas têm reflexos das suas experiências, enquanto mulher negra.” (QUADROS, 2015, p. 21). Assim, como as demais pesquisadoras, Chaves(2015) identificou que o número de professoras negras no ensino superior, é ainda, muito pequeno. Para a sua pesquisa só foi possível entrevistar uma professora.

Ressalta-se dessa pesquisa a abordagem feita a respeito da presença do racismo na sociedade e nas instituições brasileiras e as suas variadas formas de operação como o racismo institucional. O racismo institucional se manifesta nas universidades por meio de várias práticas, algumas diretas e outras dissimuladas e sutis. Quadros (2015) procura fazer uma breve contextualização do que seja o racismo institucional e se apoia em Coelho (2003) e Munanga (2006) para essa conceituação

A partir do que foi destacado por Munanga (2006), em relação a compreensão do que seja o racismo institucional, a academia, como locus de constantes embates, define quem merece ou não pertencer ou permanecer em seus espaços. Para isso são organizadas provas, avaliações de produtividades, dedicações exclusivas, currículos, programas. Coelho (2003) destaca que o racismo institucional, sempre esteve presente nas universidades, porém, as vezes é manifestado de maneira velada nas suas intencionalidades e em atitudes concretas de quem o pratica. A autora apresenta que o racismo institucional

dentro dos ambientes educacionais está relacionado ao pertencimento étnico-racial. (QUADROS, 2015, p. 20)

O estudo apresentado por esta pesquisadora evidencia também que a universidade pública está longe de ser um espaço democrático, em termos de oportunizar a igualdade de acesso para brancos e negros. A única professora negra entrevistada, de um grupo de três professoras negras localizadas na UFAM, embora se dê conta da pequena presença de negros(as) tanto entre aluno(a)s quanto docentes, parece não estranhar esse fato e nem relacioná-lo às conseqüências do racismo.

A respeito do racismo institucional, Santos(2010) também procurou identificar a presença dessa forma de racismo nas instituições de ensino superior e as estratégias utilizadas, pelas instituições ou pelas(os) próprias(os) docentes para seu enfrentamento. Já Santos (2010) aponta que apesar das várias manifestações de racismo institucional presentes nas universidades e da existência de algumas iniciativas institucionais que podem contribuir para o seu enfrentamento, como a formação dos NEABs (Núcleos de Estudos Afro-brasileiros), a maioria das estratégias de enfrentamento continuam sendo individuais e desenvolvidas pelos próprios sujeitos afetados:

Quanto as estratégias usadas pelas(os) docentes negra(o)s diante do racismo institucional são sempre estratégias individuais e imbuídas na busca de mais competências e habilidades profissionais e éticas. Contudo, o isolamento intelectual e pessoal também está presente na maioria dos depoimentos. (Santos, 2010, p. 75)

Para compreendermos o conceito de racismo institucional nas instituições de ensino superior, precisamos estar atentos as formas como as relações raciais ocorrem no Brasil. As relações raciais no Brasil, em determinados momentos parecem fluídas, e porque o preconceito racial aqui é diferente daquele encontrado em países como os Estados Unidos. Embora, tal diferença possa afetar, de modo particular, o destino de um indivíduo (como o filho pardo, de pele clara de mãe negra e pai branco), desde que estejam presentes condições sociais neutralizadoras do preconceito como o acesso aos bens e serviços tais como educação, trabalho e renda, não parece capaz de reverter o destino social dos negros em seu conjunto, isto é, não muda o destino daquele grupo de pessoas que sofrem de maneira mais profunda os efeitos do preconceito, tal como ele opera nas instituições sociais (GUIMARÃES, 2012, p. 43). Essa forma de operação do preconceito, em que o sujeito da discriminação não é um indivíduo em particular, configura o racismo institucional, que está presente de forma tão arraigada nas instituições e que faz com que o racismo seja naturalizado e as formas de construção de desigualdades sejam mantidas, em muitos casos, sem questionamento.

- Considerações Finais

É importante ressaltar que esse trabalho não teve a intenção de esgotar todas as possibilidades e dimensões das pesquisas analisadas, apenas destacar os aspectos que no momento se mostram mais relevantes e de que alguma forma poderão contribuir para a pesquisa que está sendo realizada. Assim, considera-se relevante apresentar alguns resultados que foram apresentados pelo conjunto das pesquisas.

Como resultados, esses trabalhos apontam que: nem sempre os professores negros têm a mesma representação sobre a questão racial; em alguns momentos os(as) docentes negros(as) sentiam-se deslocados no espaço de convivência com seus pares; a ascensão social não detém

o racismo; o processo de mobilidade ascendente, para os negros pobres, só se concretiza por meio de muita disciplina e investimento pessoal nos estudos; as desigualdades raciais e de gênero, muitas vezes, se sobrepõem à condição de classe; as mulheres negras costumam sofrer discriminação tríplice, ou seja: de raça, gênero e classe; a universidade pública está longe de ser um espaço democrático, em termos de oportunizar a igualdade de acesso para brancos e negros e que apesar das várias manifestações de racismo institucional presentes nas universidades e da existência de algumas iniciativas institucionais que podem contribuir para o seu enfrentamento, como a formação dos NEABs (Núcleos de Estudos Afro-brasileiros), a maioria das estratégias de enfrentamento continuam sendo individuais e desenvolvidas pelos próprios sujeitos afetados. É importante ainda destacar uma afirmação de Santos(2010): “Enquanto a ciência e os saberes continuarem sob a hegemonia do modelo branco europeu, a opressão e a vitimização das populações negras será a ordem vigente.(SANTOS, 2010, p. 74)

Quanto as contribuições para a pesquisa que está em andamento, embora nenhuma das investigações em questão trate especificamente de docentes de Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, as abordagens apresentadas, e o tratamento dado a questões como a construção de identidades e ao racismo institucional serão de grande relevância para a compreensão da presença de docentes negros(as) no IFMG e a sua participação na produção e socialização do conhecimento.

- Referências

ARAUJO, M. B. **Longevidade Escolar nos Meios Populares:** disposições e estratégias dos Bolsistas do Programa Internacional de Bolsas da Fundação Ford. Dissertação(mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015

CARVALHO, J. J. **Inclusão étnica e racial no ensino superior:** um desafio para as universidades brasileiras. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005. p. 2-14. (Série Antropológica, 382).

_____. O confinamento racial do mundo acadêmico brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, n. 68, p. 88-103, dez./fev. 2005-2006.

CHAVES, E. S. **O racismo na trajetória escolar e profissional de professoras universitárias.** Tese (Doutorado em Psicologia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.

GUIMARÃES, A. S.A. **Preconceito racial:** modos, temas e tempos. São Paulo: Cortez, 2012.

HOLANDA, M. A. P. G. **Tornar-se negro:** trajetórias de vida de professores universitários no ceará. 2009. 211 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

LOPES, F. M. S. R. **A constituição discursiva de identidades etnicorraciais de docentes negros/as:** silenciamentos, batalhas travadas e histórias (re)significada. 2010. 321 p. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

NOGUEIRA, O. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Tempo**

Social, Revista de Sociologia da USP, v. 19, n. 1, p. 287-308,

QUADROS, T. F. **Vida de mulheres negras, professoras universitárias na Universidade Federal de Santa Maria**. 2015. 99 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

REIS, M. C. G. **Mulheres negras e professoras no ensino superior**: as histórias de vida que as constituíram. 2008. 200 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

ROESCH, I. C. C. **Docentes negros**: imaginários, territórios e fronteiras no ensino universitário. 2014. 255 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2014.

SANTOS, E. M. dos. **Identidades e trajetórias de docentes negra(o)s da UFAM**. 2010. 82 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010

SILVA, P. E. da. **Professor negro universitário**: notas sobre a construção e manipulação da identidade étnico-racial em espaços socialmente valorizados. 2008. 220 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), São Paulo, 2008.

SILVA, V. A. **Cores da tradição**: uma história do debate racial na Universidade de São Paulo (USP) e a configuração racial do seu corpo docente. 2015. 305 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SILVA JÚNIOR, R. N. **A cor na universidade**: um estudo sobre identidade étnica e racial de professores/as negros/as da Universidade Federal do Maranhão no *campus* do Bacanga. 2011. 120 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Maranhão, 2011.

5 Seminário

Educação e Formação Humana: desafios do tempo presente

Realização



FACULDADE DE
EDUCAÇÃO



Apoio



UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE MINAS GERAIS



Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Coparticipação

FADECIT.
FUNDAÇÃO DE APOIO E DESENVOLVIMENTO
DA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
MINAS GERAIS